

Diversificar é o grande desafio

Carla Rodrigues

Pode ser que o inocente poupador da caderneta de poupança ou o investidor que faz da conta corrente remunerada o máximo em sofisticadação de investimento não saiba, mas ele também está financiando o déficit público e trocando seus cruzados por uma outra moeda — a LFT, Letra Financeira do Tesouro, título do governo criado há quase quatro anos.

A LFT pode ser encontrada ainda em fundos de curto prazo, embora a carteira deste fundo não obedeça a regulamentações que obriguem a instituição a manter um mínimo de recursos alocados neste título. Tanto que já existem grandes bancos, como o Chase Manhattan, por exemplo, que estão lançando fundos de renda fixa totalmente garantidos por títulos privados, como CDBs, debêntures, e cédulas hipotecárias. "Identificamos uma grande demanda por este tipo de produto", explica o vice-diretor de investimentos, Rudolf Christian Pfeiffer.

Charme — "Estou preocupado com um *calote*", explica o publicitário Felipe Pinto e Silva, que aplica no fundo de curto prazo não só a sua poupança propriamente dita, como também todo o seu salário, que vai sendo sacado ao longo do mês, conforme vencem as contas. "Esta possibilidade a poupança não vai me dar", queixa-se ele, ainda sem saber o que vai fazer com o dinheiro aplicado. Por enquanto, Felipe só tem uma certeza — a de que pode dormir tranquilo pelo menos até o dia 14 de março,

apostando que o governo Sarney vai deixar tudo como está. Investidor do fundo de curto prazo desde setembro — no início confessa que ficava estarecido com a capacidade multiplicadora do dinheiro — pelo menos uma lição ele já aprendeu. "Investir é coisa de profissional ou de especulador", constata Felipe, receoso de partir para aplicações em dólar, por exemplo.

Quem já imagina onde e como diversificar suas aplicações é o pequeno empresário Mário de Almeida, que já distribui até conselhos para os amigos. Na sua opinião, a melhor opção de investimento são os fundos mútuos de ações. Comparilhando com Felipe o temor de um *calote*, Mário mantém num caderno um controle diário do seu movimento financeiro. "Nunca imaginei entrar nesta ciranda de papel", ironiza. Além dos fundos de ações, ele pretende voltar para a caderneta de poupança, onde já teve 22 contas, uma para cada dia útil do mês.

Renan Cepeda



Almeida: apostando em fundo de ação

As aplicações em fundos mútuos de ações embutem, no entanto, dois riscos: primeiro, é bom lembrar que as bolsas de valores são um mercado de risco, sujeito a fortes oscilações tanto para cima quanto para baixo. Segundo, é preciso saber que a legislação permite que a carteira destes fundos tenha até 30% de recursos alocados em LFT, o que pode estar sendo evitado por administradores mais prudentes, mas não é, no entanto, uma regra.

Caixa dois — A dor de cabeça é ainda maior para os investidores que estão no anonimato, aplicando recursos em títulos ao portador. Só o gerente de pessoas jurídicas de uma grande agência do Bradesco já constatou um aumento de 30% nas consultas feitas pelas empresas, que costumam alocar os recursos do *caixa dois* em aplicações ao portador e agora não sabem como se defender de uma possível extinção desta modalidade de aplicação. "A saída para estes recursos do *caixa dois* das empresas seria aplicação no dólar", explica o consultor de empresas Carlos La Roque. Na sua opinião, no entanto, a moeda americana não chega a ser uma solução, já que o ganho não é tão imediato quanto no overnight.

"Nesta babel de incertezas, é muito difícil responder a qualquer pergunta", explica La Roque, dizendo que quanto mais se aproxima o dia 15 de março, mais aumentam as dúvidas da clientela. A recomendação que costuma fazer é a clássica diversificação entre ouro e imóvel, por exemplo. Ele lembra, no entanto, que em outras circunstâncias, como no Plano Cruzado e no Plano Verão, o governo — seja com expurgos nos índices seja com mudanças de regras que não passaram por medidas mais drásticas, como a moratória interna — já conseguiu "dar tombos" nos investidores de títulos públicos. Na falta de respostas precisas, La Roque parte para a brincadeira: "A melhor coisa a fazer com dinheiro é gastar".